

Igreja eletrônica e midiatização

Rafaela Barbosaⁱ

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS/RS)

E-mail: byrafaela_barbosa@hotmail.com.

GOMES, Pedro Gilberto. **Da Igreja eletrônica à sociedade em midiatização**. São Paulo: Paulinas, 2010.

No livro “Da Igreja eletrônica à sociedade em midiatização” discute-se a relação entre mídia e religião pensada enquanto processo. Segundo Gomes, as outras investigações que ele analisa, dedicadas à temática, ficaram devedores de tal debate. No decorrer da obra, percebe-se que para realizar o enfrentamento proposto pelo autor é necessário deixar o objeto se expressar. A partir daí, o pesquisador pode visualizar metodologias que dêem conta da nova ambiência que a sociedade midiatizada impõe, onde a realidade social necessita estar no palco (mídia impressa ou eletrônica) para ser percebida e discutida pelos setores sociais competentes. Então, o desafio é tentar achar novas perspectivas para interpretar a comunicação no campo religioso, para além dos dispositivos tecnológicos. Nesse sentido, algumas questões se fazem necessárias para uma melhor compreensão da obra, quais sejam: Quem é o autor? Qual é a relevância do tema na contemporaneidade?

Apontamentos para a primeira pergunta: Pedro Gilberto Gomes possui formação em teologia e filosofia, com mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação. Há 30 anos se dedica aos estudos de mídia e religião. As preocupações iniciais sobre a temática eram pensadas num panorama funcionalista da comunicação com as Igrejas Cristãs, em especial o Catolicismo, já no doutoramento entrou no âmbito dos estudos de recepção Latino-Americano para pensar as implicações do movimento religioso na perspectiva midiática. Na atualidade, como professor, pesquisador, orientador de dissertações e teses e depreende que os processos midiáticos precisam ser refletidos

de maneira ampla, visto que a mídia ganhou um jeito de ser totalizante na sociedade, inclusive na área da religião. Tais argumentações serão discutidas mais adiante.

Apontamentos para a segunda pergunta: Os pesquisadores brasileiros dos estudos sobre mídia e religião encontram suas bases teóricas em autores franceses, estadunidenses e latino-americanos para refletir a comunicação com interface, no âmbito religioso. Ante isso, tanto o percurso acadêmico de Gomes como o assunto por ele escolhido se faz necessário, no cenário brasileiro, pois o livro é o resultado de pelo menos seis anos de pesquisa pautada num trajeto metodológico que articula procedimentos como: análise documental de confissões religiosas históricas, no que se refere à comunicação social e pesquisa bibliográfica das disciplinas comunicacionais, filosóficas e históricas. Vale ressaltar, que a documentação (histórica e funcional) analisada parte do pensamento das Igrejas Cristãs sobre o uso dos meios de comunicação de massa para difusão da mensagem teológica.

A obra é construída em duas partes. Na primeira, a descrição da trajetória do pesquisador justifica a importância de sua formação filosófica e teológica para as análises que abarcam a temática do livro, bem como a proposta de imersão na dimensão histórica do fenômeno estudado, na tentativa de ler o momento atual dos estudos de mídia e religião.

No âmbito histórico, tanto os atores da Igreja Eletrônica (transnacionais ou nacionais), quanto à própria Igreja Cristã são analisados para apreender a processualidade deste movimento religioso na sua origem, dentro da área comunicacional. Daí justifica-se o título da obra que pensa no deslocamento do conceito de Igreja Eletrônica para Igreja Midiatizada. A reflexão da transição conceitual só pode ser realizada por meio de pistas na filosofia e na história, já que a comunicação é uma disciplina recente dentre as contidas nas Ciências Sociais (CS).

No âmbito filosófico, os conceitos de unicidade e totalidade são essenciais para entender a Igreja Midiatizada, pois o exercício de entendimento da realidade observada é imprescindível:

a revisitação dos clássicos da antiguidade filosófica impõe-se como exigência metodológica fundamental. Daí a importância de se voltar aos filósofos gregos,

antigos e medievais para recuperar a visão de unicidade e de totalidade para o mundo. Se desejarmos compreender o fenômeno da midiatização como um projeto de totalidade e unicidade social, é importante conversar com os filósofos que anteriormente pensaram esses conceitos. Evidentemente, seus conceitos não são autoaplicáveis aos problemas contemporâneos. Mas, conhecendo a sua gênese e origem, pode-se estabelecê-los para encontrar pistas que ajudem a interpretar a realidade atual. (p. 20)

Em suma, apreende-se que o percurso teórico-metodológico adotado pelo autor cerca o objeto de estudo de perguntas, sem, no entanto, dar respostas fechadas para a relação que estabelece entre mídia e religião. Isso porque o processo de midiatização é complexo e ainda está em vias de constituição, nesse sentido sabemos que para uma análise cuidadosa de um dado fenômeno a ser investigado, o distanciamento temporal é indispensável para ler o contexto social. Dentro de tais circunstâncias, Gomes explicita que com a pesquisa pretende “encontrar elementos novos que ajudem nesse projeto-construção da metodologia adequada [para a sociedade em midiatização]”. (p. 17). Dada a complexidade do assunto, acredita-se que o campo da comunicação precisa fazer articulações teóricas com outras áreas do saber para compor teorias competentes para si mesma.

Nesse quadro, o corpus selecionado para a investigação foram as Igrejas: Católica Apostólica Romana, Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, Metodista e Universal do Reino de Deus. Sabe-se que as três primeiras Igrejas são confissões históricas, já a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) está dentre os neopentecostais, que pode ser entendida como uma vertente do pentecostalismo que prega a salvação no plano material, surgida no país a partir da década de 1970. De acordo com o autor, a definição das Igrejas estudadas sustenta-se na,

longa tradição do discurso e da escrita [das três primeiras Igrejas]. A utilização da palavra escrita as leva a valorizar sobremaneira a imprensa. São Igrejas que se movem com desenvoltura na produção de documentos que expressam sua doutrina e o seu pensamento. [...] Por outro lado, a Igreja Universal do Reino de Deus é uma *nativa midiática*. Isto é, ela nasce já sob o signo da mídia. Tudo é novo. Para ela, tanto faz a escrita, a imprensa quanto à mídia eletrônica, cujo mundo já existia quando ela surgiu. (p. 26-27).

Os conceitos e teorias apontados compõem a articulação com o corpus da pesquisa que proporcionou o entendimento em perspectiva histórica dos tele-

evangelistas e de suas Igrejas, para pensar na contemporaneidade, como estas confissões religiosas se relacionaram (ou se relacionam) com a mídia.

Na segunda parte, o autor debate a comunicação enquanto problemática para o campo religioso. Mas Gomes argumenta que a noção de problema no contexto é visto positivamente, porque pensando nesta angulação pode-se questionar, exaustivamente, o objeto de estudo, instigando-o a encontrar delineamentos para perceber que configuração a área midiática proporciona às práticas religiosas. Perante isso, a hipótese da investigação é que a comunicação é entendida como solução pelas Igrejas Cristãs, enquanto espaço eficaz para transmissão da mensagem de evangelização. A apropriação da mídia ganha importância para dar visibilidade às ações das confissões religiosas estudadas e isso pode ser confirmado pelos registros documentais sobre a concepção das Igrejas, a respeito dos usos dos meios de comunicação. A problemática que surge fundamenta-se na seguinte questão: quais tipos de religiões emergem destas práticas comunicacionais? O autor deixa esta pista para futuras investigações, dado a emergência do fenômeno em análise.

De maneira que no passado, a Igreja Católica teve uma visão mais cautelosa da usabilidade da mídia, muito embora, seja a confissão que mais discutiu e escreveu sobre a comunicação social. Em seus escritos a função dos dispositivos tecnológicos é motivada mais pela concepção funcionalista e atualmente pensa o processo, mesmo assim, faz uso dos meios de comunicação com questionamentos insuficientes sobre as implicações disso para a sociedade. Hoje, detém uma rede de televisão e rádio e possui sítios na rede mundial de computadores.

No lado contrário, a IURD não teoriza sobre suas práticas comunicacionais, visto que ela utiliza amplamente a mídia para transmissão de sua doutrina sem problematizar, via documentos, as decorrências disso para o seu campo de atuação. O autor ressalta que a IURD entende a comunicação como um instrumento tecnológico a serviço da propagação de seu discurso evangelístico, e assim a reflexão teórica é dispensável para os eclesiastas iurdianos. Isto explica o império midiático comandado pela IURD, que inclui redes de TV e rádio, jornais, revistas e sítios na internet.

Conforme Gomes, as Igrejas Luterana e Metodista, são Igrejas da Palavra, pois fundamentam seus discursos por meio da imprensa escrita, tendo poucas experiências com a radiodifusão. No que se refere ao pensamento e registro de suas visões, a respeito do uso dos meios comunicacionais, quando os descreve fragmenta-os em textos teológicos ou litúrgicos.

Ante o exposto, reforçam-se as idéias iniciais do autor que argumentou que para as Igrejas Cristãs a mídia é entendida como solução, em virtude disso, elas não vêem necessidade em discutir ou analisar os meios de comunicação, quer dizer, em problematizá-los. De modo que eles servem como elemento de extensão de seus métodos evangelísticos. Todavia, as constantes atualizações tecnológicas que aproximam as redes de informações da sociedade, potencializando novos modos de interação entre os sujeitos, precisam ser entendidas por qualquer esfera social.

O autor ainda reflete que, até mesmo as vertentes com postura esquerdista, na Igreja Cristã, quando estabelecem suas críticas, elas se constituem a partir do que está sendo produzido pela TV e não se questiona quais são as conseqüências que a técnica trará para o campo da religião. Visto isso,

ao entrar no mundo da mídia, as Igrejas não levam em conta que o processo mudou. Os dispositivos tecnológicos são apenas uma parcela mínima, a ponta do *iceberg*, de um novo mundo, configurado pelo processo de midiatização da sociedade. Estamos vivendo hoje uma mudança grande, com a criação de um bios midiático que incide profundamente no tecido social. (p. 161)

Na contemporaneidade, com o processo de midiatização social, os setores públicos ou privados que estabelecem relações com os indivíduos, precisam estar na mídia para serem alcançados, visto que a dimensão midiática estabelece as construções de sentido na sociedade, porque, cada vez mais, para um fato ser considerado real é preciso ser midiatizado. Tal processualidade, coloca o mundo num novo estado de ser, ainda que exista um mundo fora das câmeras de televisão.

A obra institui-se como leitura indispensável aos estudiosos e interessados, nas áreas de comunicação, sociologia, antropologia e filosofia, já que os estudos de mídia e religião contemplam estas disciplinas.

ⁱ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCC) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS/RS), bolsista da Ford Foundation e membro do Grupo de Pesquisa CEPOS. E-mail: byrafaela_barbosa@hotmail.com.